HVMANITAS

[Recensão a] SILVA, Markus Figueira da - Epicuro: Sabedoria e Jardim

Autor(es): Ferrer, Diogo

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/27452>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_65_31

Accessed : 26-Apr-2023 10:26:09

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

**Vol. LXV
2013**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

O facto de Mário de Carvalho fazer da sua obra um confronto com os grandes enigmas (como seja o Tempo, desde logo), faz dele um escritor que renuncia a concessões, para adotar um compromisso difícil e elevado. É por isso que o seu nome se situa, sem favor, na senda de outros que, antes dele, nobilitaram a Literatura, entendendo-a essencialmente como forma de interrogação inquietante e mobilizadora.

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES

Silva, Markus Figueira da: *Epicuro: Sabedoria e Jardim*, Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 2003, 122 pp. Apresentação de Elena Moraes Garcia.

O livro de Markus Figueira da Silva resulta de uma tese de doutoramento defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, orientada por Elena Moraes Garcia. Consta de seis capítulos, sendo o primeiro uma introdução e o último a conclusão. A ordenação dos capítulos obedece a uma sequência clara e lógica, estudando sucessivamente as concepções de Epicuro sobre a natureza (*phýsis*) (Capítulo 2), o corpo (*sárkos*) (Capítulo 3), a alma (*psyché*) (Capítulo 4) e, por fim, a ética (*éthos*) (Capítulo 5). O seu objectivo é circunscrito: “a partir da leitura dos textos e das suas respectivas traduções, [...] tecer uma análise interpretativa com a intenção de apresentar a noção de equilíbrio, articulada enquanto questão fundamental do pensamento epicúreo” (p. 19).

O livro apresenta sucintamente as fontes textuais para o estudo do pensamento de Epicuro (pp. 18-19), refere algumas das traduções disponíveis e, em notas, diversos aspectos da bibliografia secundária. Especialmente para o caso do conceito central do prazer, são úteis as breves comparações que esboça com o pensamento de Platão, Aristóteles e os Cirenaicos. Em geral, trata-se de uma exposição que, sem se perder na complexidade da análise filológica, apresenta uma visão panorâmica sobre o pensamento de Epicuro, recorrendo, quando necessário, também ao auxílio de textos de Demócrito ou Lucrécio.

Delimitado este quadro de abordagem, Markus Figueira apresenta o epicurismo como um percurso filosófico completo em si mesmo, que faz ligar, nos dois extremos da filosofia, uma concepção materialista e atomista da natureza a uma concepção da vida boa, decorrente da natureza e a esta

adequada. O livro mostra-nos como, por um lado, a pura materialidade diurna da natureza liberta e produz o bem. Por outro lado, o bem é somente o resultado desta materialidade da vida, que não é senão corpórea.

A concepção atomista de Epicuro liberta, por esta via, a natureza de forças ou de deuses desconhecidos, cuja intervenção no curso das coisas tornam os seus processos e resultados ocultos. Como consequência desta libertação da natureza, o atomismo liberta também a vida humana de um jugo de crenças, de medos e de esperanças infundados, bem como de intervenções arbitrárias. E liberta, finalmente, da própria morte. Esta, conquanto não experienciável, é inexistente. O “quádruplo remédio” da filosofia do jardim para a liberdade e a felicidade reza: “não há nada a temer em relação aos deuses. Não há nada a temer em relação à morte. O prazer é fácil aquisição. A dor é passível de ser suportada” (p. 80).

Dotada duma concepção integral do que há e do que há a esperar, a filosofia é um saber da harmonia integral entre o *ethos* humano e a natureza física, dentro e fora do homem, e, para Epicuro, a filosofia não é especulação com um interesse apenas teórico, mas só pode ser “um saber para a vida” (p. 16).

Na medida em que a vida não é mais do que átomos em movimento, simples natureza corpórea, e que todo o saber não mais que a representação fantasmática, na alma material, dos átomos da natureza e do seu movimento natural, deve-se concluir que o bem para o homem é também material e natural. Como mostra Markus Figueira da Silva, o “prazer é o bem, a expressão maior da tranquilidade, da liberdade e da felicidade” (ib.). Procurando desfazer uma concepção comum que confunde o prazer epicurista com a demanda sem freio da excitação mais imediata dos sentidos, excitação que só pode culminar na incapacidade de distinção entre prazer e dor, Markus Figueira conduz-nos pelo percurso do jardim que vê no prazer, pelo contrário, unicamente o “equilíbrio interno e externo do homem” (ib.). Este equilíbrio é a “autarquia”, estado de autonomia que permite levar uma vida plasmada “segundo o natural e o necessário” (p. 17) e que não se deixa arrastar como reacção a estímulos que “a fazem re-agir ou sofrer” (p. 86), perdida num mar de provocações, excitações e reacções.

A compreensão atomística da *phýsis* localiza a totalidade do ser na natureza, que compreende exclusivamente átomos e vazio. Os átomos são puro ser, impenetrável, inalterável, indestrutível e imperecível, o vazio é somente a condição do seu movimento, multiplicidade e configuração, que permite explicar a natureza como universo de compostos atômicos (cf. pp. 28-29). Aqui o autor não deixa de discutir, embora sem explorar a suas implicações

críticas, o curioso movimento epicurista de “parênklesis”, ou “declinação”, introduzido com o fito de explicar o acaso (p. 31). Epicuro concebe a natureza como se diversificando por força da “parênklesis”, que consiste em desvios imponderáveis na trajectória e combinatória dos átomos (p. 36).

Apesar da escassez do material textual, a concepção epicúrea do corpo é recuperada e exposta pelo autor. Segundo a sua excelente caracterização da concepção epicúrea do conhecimento, “o corpo é um modo de conhecimento” (pp. 47-48). Não conhecemos senão pelo corpo, que nos permite representar a natureza e experienciar o prazer e a dor. O equilíbrio da alma é também o equilíbrio do corpo no exercício dos prazeres, segundo a noção de “eutastheía” ou “boa-disposição” (p. 53), que vai fazer conjunto com as noções de autarquia e de *phrónesis*. Juntas enunciam o equilíbrio próprio da vida sábia. Há, assim, que ligar a filosofia não só à ética, como também à medicina, ao estudo dos humores corporais, à dietética e à ginástica (p. 58), como exercícios fundamentais do saber.

A alma, princípio de movimento e de percepção, é constituída por átomos materiais mais subtis e ligada ao corpo como um corpo dentro dum outro corpo e, por isso, pertença integral da *phýsis* (cf. p. 39). O movimento deriva da ligação intersticial da alma ao corpo, ao passo que o conhecimento resulta da afecção do corpo, que se desenvolve em *prolépseis*, ou impressões e memórias como sulcos físicos deixados na ordenação dos átomos subtis da alma. Mas o conhecimento depende de um elemento ainda mais surpreendente, a saber, o *salto* (“*epibolē*”) que é o pensamento (p. 62; cf. tb. p. 82 n.10). “O pensamento «salta» adiante do empiricamente demonstrável” (p. 66) e então, para poder representar o que não é dado nem na afecção sensível nem na recordação, recorre ao “artifício da analogia” (pp. 66-67).

O autor expõe a concepção de Epicuro e de Lucrecio sobre as partes da alma, que servem para explicar as suas diferentes actividades. No seu ponto mais subtil, a alma é “o *animus*, ou *to lógikon* [que] é por Lucrecio considerado «a alma da alma»” (p. 70). Este é o elemento que, juntamente com o salto, transcende todo o “termo de comparação” (ib.) na natureza externa, onde não há hiato comparável.

Este acto ou operação do “*animus*” lucreciano denomina-se em Epicuro “*logismos*”, pelo qual se abre o domínio da *phrónesis* e nos aproximamos finalmente da sabedoria libertadora. *Phrónesis* é o nome da sabedoria prática que permite conduzir a vida segundo os princípios da autarquia e do equilíbrio, cuja expressão é a *ataraxía* própria do sábio (p. 77) e cuja imagem é “a superfície do mar quando está tranquilo”, ou seja, “*galenismós*”

(p. 78). A ataraxia consiste em “agir sempre, e jamais reagir” (p. 79). Reagir é paixão, sofrimento, ao passo que o prazer é o exercício de si.

eticamente, a autarquia comanda fugir da vida pública: “vive obscuro” (p. 89). É esta impassibilidade que permite a liberdade (*eleuthería*) e a *phília*, que conjugam o exercício da vida sábia e o modo de vida conforme à natureza (cf. p. 90). A amizade, exercício vital fundamental, permite uma comunidade de homens livres, onde as acções têm um sentido em si mesmas, e é “ultrapassa[da] a perspectiva de que as acções têm o sentido fora delas, [como...] uma projecção de felicidade, ou [de...] finalidade para a qual as acções sejam apenas meios” (p. 98). O prazer mais satisfatório é o exercício imanente da vida. O verdadeiro prazer é, finalmente, a filosofia.

Apresentando um percurso breve acerca do pensamento de Epicuro, o livro em apreço é sem dúvida de recomendar como introdução filologicamente informada ao pensamento de Epicuro, e levanta uma pequena ponta de todo um mundo de pensamento que caracterizou a filosofia pós-aristotélica onde, desagregada a clássica identidade feliz na pólis, todo o pensamento se dirige à filosofia entendida como guia prático para a vida feliz.

A par de diversos conceitos já vulgarizados da filosofia antiga, como átomo, *práxis*, *ataraxía*, *hedoné* ou autarquia, entre outros, a obra de Markus Figueira da Silva faz relembrar alguns conceitos menos pisados, e que bem poderiam merecer maior pormenor no seu estudo filológico e histórico-filosófico, como sejam as estimulantes imagens-conceito do pensamento como “salto” (*epibolé*), do “*animus*” lucreciano como a “alma da alma”, ou da serenidade filosófica que só o mar profundo quando em paz pode reflectir, cujo nome helénico é “*galéne*”.

DIOGO FERRER

Soares, Carmen, Dias, Paula Barata (coords) *Contributos para a história da alimentação na antiguidade*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2012. 113 pp. ISBN: 978-989-721-007-5.

A investigação acerca da alimentação na Antiguidade Clássica, seus modos de ser, seus critérios dietéticos e gastronômicos, suas interdições religiosas e políticas vem ganhando a cada dia maior interesse como um campo de estudo interdisciplinar, no qual a contribuição da história, da antropologia, da história das religiões, da filosofia, da crítica e teoria